

ASSOCIAÇÃO PSICANÁLÍTICA DE CURITIBA

DESANOLAMENTO DE CARTÉIS 2022

CARTEL: O Desejo

MAIS UM: Andrea Rôa D'haese

PARTICIPANTES: Adriano Soares Amaro, Carolina Ribeiro dos Santos, César de Goes, Leandra Menezes Kowal e Luzia Carmem de Oliveira

A EXPERIÊNCIA DE UM CARTEL SOBRE O DESEJO

No início de 2020 chego na Associação Psicanalítica de Curitiba - APC com o desejo de continuar meus estudos em psicanálise. Ao término de um dos primeiros encontros caminhei até o mural de informações, mobilizado pela curiosidade por conhecer um pouco mais daquele espaço que se mostrava tão aberto e acolhedor. No mural encontrei algumas propostas de cartéis, incluindo o tema “O Desejo”. Fiquei animado em estudar o tema sugerido e decidi me inscrever, apostando que a temática seria um bom motivo para sustentar a decisão de participar de um cartel.

De forma rápida o tema atraiu e juntou 5 interessados, sendo possível ensaiar o início do cartel. Em paralelo estávamos vivendo os primeiros impactos da pandemia COVID-19, ou seja, um clima de medo e incertezas nos rondava, com a estranheza das novidades que acompanhavam a chegada do vírus em nosso dia-a-dia.

O ensaio durou algumas semanas, sendo que tivemos apenas um encontro em presença na sede da APC e seguimos conversando através de um grupo no WhatsApp e algumas reuniões online. Conseguimos planejar a frequência (quinzenal), o dia e horário da semana que todos poderiam participar (sextas as 18h30) e os textos que gostaríamos de estudar por um período de até 2 anos. Ficamos na expectativa de que a pandemia seria passageira e que logo poderíamos nos encontrar em presença para iniciar o cartel. Com isso, acabamos ficando em standby até meados de junho de 2020, quando retomamos as conversas, refrescando o enlace de cada integrante com o tema. A partir desse novo contato, escolhemos o “MAIS UM” (Andrea Rôa D’haese) e finalmente iniciamos o cartel no modelo online. Formalmente o início do cartel foi em 29 de junho de 2020, quando entregamos junto a APC nossa Declaração de Cartel, porém, ao resgatar detalhes desse período, acredito que já estávamos imersos no dispositivo do cartel desde o primeiro contato entre os membros.

Dominique Fingermann em um texto chamado “Cartel ainda” aborda o quanto participar de um cartel é desafiador:

(...) se engajar num cartel não é confortável nem aconchegante, “fazer” cartel não é brincadeira, é jogo duro assim como todos os tempos da formação do psicanalista, porque o não sabido, o *Unbewusst*, o saber que falta, constituem o ponto de partida. Tanto o princípio motor quanto o ponto de chegada. É desconfortável e arriscado. (FINGERMANN, n.d., parágrafo 05).

Esse período de resistência em iniciar o cartel se dava principalmente pelas mudanças impostas pela pandemia. A própria estranheza do “encontro” online, a reorganização das rotinas e o jeito diferente de seguir a vida. Contudo, questiono se esse primeiro momento que chamei de “ensaio” não era um recorte do que nos aguardava em relação ao impacto de trabalhar com o tema desejo em plena pandemia.

Ainda sobre os desdobramentos inesperados da experiência em cartel, Fingermann aponta:

O cartel começa com um incômodo, um não saber que atormenta, um sintoma, que pela graça da aposta se transforma em questão. O não sabido não é inefável, ele pode se formular, e fazer questão. A questão formulada por cada um no grupo chamado cartel tem conseqüências: ela expõe e compromete quem a formulou e assina o seu engajamento de uma produção, de uma elaboração de saber digna da psicanálise perante a comunidade analítica. (FINGERMANN, n.d., parágrafo 06).

Nessa época acreditava que iria encontrar uma definição sobre o desejo que clareasse meu entendimento sobre esse conceito tão presente em falas e discussões de psicanálise. Curiosamente, lembro-me de falar em minha própria análise que o desejo era algo trabalhoso e cansativo... Ora, por que o desejo mais uma vez?

Ao resgatar anotações feitas durante os encontros do cartel, foi possível identificar que para Freud (1895) o desejo inicialmente foi definido como o retorno a traços mnêmicos de satisfação, ou seja, o desejo pode ser entendido como um retorno em busca daquela experiência que um dia se

formou e que deixou uma marca na constituição do sujeito. Essa marca ou traço precisa ser repetido para que o desejo se realize.

Mais adiante, lendo alguns capítulos do livro *A Interpretação dos Sonhos* de Freud (1900) ficamos com a referência do sonho como realização do desejo.

Quer dizer que para desejar temos que adormecer? Bom, ao tentar acessar os conteúdos presentes nos sonhos, esbarramos na dificuldade das informações confusas. Os sonhos têm a característica de apresentar-se de forma distorcida, nebulosa e um tanto fantasiosa. Por isso, a dificuldade do sujeito reconhecer-se em seus sonhos, destacando-se o sentimento de estranheza na maioria das vezes.

Falando em confusão, em muitas discussões durante os encontros nos pegávamos falando de pulsão na tentativa de compreender o desejo e viceversa. Em algum momento lembro de ter ouvido que são conceitos que caminham juntos e não era estranho confusão conceitual. Contudo, não são a mesma coisa. Essa proximidade ainda me causa muita curiosidade e dúvidas... Será que o desejo em movimento abre espaço para a pulsão ou a pulsão possibilita que o desejo se realize?

Ainda sobre a busca pelo desejo, Lacan no Seminário 5 (1957-1958) trabalha sobre *O DESEJO DO OUTRO* e nos apresenta a ideia de demanda relacionada ao desejo. Aqui compreendo que demanda não é desejo, mas ainda não consigo trabalhar conceitualmente o que marca a diferença. Acredito que a demanda fique mais “visível” para o sujeito, não de forma clara, mas como notícias da essência do seu desejo.

Retomando a experiência do cartel, lembro-me que já havia participado de outros carteis, porém, não vinculados a APC e tinha como referência a capacidade do dispositivo mobilizar os membros em torno da temática e desdobramentos inesperados, muito diferente, por exemplo, da participação em um grupo de estudos ou seminário. No dispositivo de cartel os participantes devem ter a mesma função, podendo variar em diferentes momentos do percurso, mas sem o risco da presença de um mestre ou uma constante passividade dos membros.

Falando nisso, foi uma novidade o MAIS UM não estar presente em todos os encontros. Em minhas experiências anteriores o MAIS UM era um dos cartelizados e participava de todos os encontros. Acabamos chamando nossa MAIS UM apenas duas vezes durante o percurso e uma terceira vez para trabalhar os impasses finais no cartel. Será que fomos descuidados em acionar pouco nossa MAIS UM ou a função se fez presente entre os participantes?

Acredito que tivemos alguns impasses durante nosso percurso e que conseguimos trabalhar, com disponibilidade para fazer a leitura para além dos textos, identificando ou buscando identificar as possíveis dificuldades e desafios. Falando em desafios, o nosso *sextou* (gíria usada para anunciar que o final de semana começou) foi por quase dois anos marcado pelos nossos encontros online. Por vezes indagamos o que estávamos fazendo ali em plena sexta-feira à noite? Seria o desejo?

Obviamente, em função do isolamento imposto pela gravidade da pandemia, a vida social ficou impossibilitada. A brincadeira com a sexta-feira era carregada de saudosismo e a esperança por dias melhores, mas também,

nos convocava a pensar sempre que necessário sobre a nossa escolha em estudar o desejo. Durante o percurso, tivemos períodos com dificuldade para manter a frequência dos encontros, momentos onde as distrações atrapalhavam a continuidade da leitura ou o aprofundamento de discussões sobre o tema. Apesar das dificuldades, não recuávamos de falar sobre o mal-estar, buscando compreender nossos tropeços, sendo possível seguir mais advertidos.

Ainda sobre os impasses encontrados no nosso percurso, nossa relação com os textos foi angustiante e de certo modo engraçada. Lá no ensaio do nosso cartel elegemos alguns textos que gostaríamos de trabalhar, incluindo obras de Freud, Lacan e autores complementares que falavam sobre a temática. Porém, tivemos dificuldade para chegar nos textos de Lacan, literalmente enrolando-se em textos que pouco contribuíram conceitualmente sobre o tema desejo. A respeito dessa evitação, acredito que poderíamos ter nos autorizado mais cedo se tivéssemos contado com o olhar atento do MAIS UM, porém, como toda resistência tem seu tempo para ser revelada, fizemos no momento que foi possível. Acabamos lendo apenas algumas partes do Seminário 5 de Lacan e ficamos admirados com a fluidez desse período. Definitivamente, Jacques Lacan não é aquele bicho de sete cabeças que falavam.

Após esse primeiro contato do cartel com escrita lacaniana, tivemos um período de férias e no retorno a inesperada notícia que teríamos que desanolar. Como assim? Temos mais 4 meses de trabalho. O que apresentar? Lembro-me que ficamos divididos entre seguir até completar os dois anos ou apresentar o

que ficou desse período de estudos. Acabamos decidindo apresentar e na sequência voltamos atrás, mas já não era possível... O dispositivo colocou um limite para nós e seguimos com a decisão de apresentar o que ficou para cada um desse percurso.

Me senti visitado por várias emoções em um espaço muito curto de tempo. Primeiramente, fiquei agarrado na justificativa que tínhamos 2 anos de trabalhos e que os últimos meses eram fundamentais para me sentir mais seguro para escrever um trabalho de desanolamento. Fui pego pela quebra de expectativa, pois acreditava que teríamos um desanolamento de carteis no final do ano. Além do medo, da raiva e da angústia desse curto período de tempo, me percebi triste com término do cartel. Apesar da tristeza, faz-se necessário finalizar para abrir outras possibilidades. Nesse sentido, Lacan nos aponta:

Vamos. Reúnam-se vários, grudem-se o tempo necessário para fazer alguma coisa, e depois se dissolvam para fazer outra coisa, se desliguem antes de ficarem grudados irremediavelmente (Lacan, 1980).

No início de março tivemos pelos menos 3 encontros para falar sobre final do nosso percurso. Ficamos ocupados com vários assuntos, mas a aceitação de um término se fazia presente. Por que o desejo nos aproximou? O que nos fez perder a noção de tempo? Por que ficamos com a sensação de que faltou algo? Seria uma lição do dispositivo para nos advertir a respeito da fantasia de totalidade?

Fico mais tranquilo de olhar para o meu percurso e ver que pude sustentar a decisão de fazer um cartel e que puder ter a companhia de pessoas tão curiosas e disponíveis. Sim, fomos um cartel e agora é hora de seguir para outras oportunidades.

Adriano Soares Amaro

Curitiba, 30 de abril de 2022.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIRGERMANN, D. (n.d) CARTEL ainda. INTERNATIONALE DES FORUMS - ÉCOLE DE PSYCHANALYSE DES FORUMS DU CHAMP LACANIEN, 2022. Disponível em: www.champlacanien.net/public/docu/4/epCartelFingermann.pdf. Acesso em 20 de abril de 2022.

FREUD, S. (1900). A interpretação dos sonhos In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud 2.ed. Rio de Janeiro, Imago, 1987. V. 4, 5.

FREUD, S. (1895) Projeto para uma psicologia científica In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud 2.ed. Rio de Janeiro, Imago, 1987. V 1.

LACAN, J. (1957-1958) O SEMINÁRIO, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro, Zahar, 1998. V 1.

LACAN, J. (1980). “Senhor A.”, in Documentos para uma Escola – Revista da Escola Letra Freudiana 0, circulação interna, p. 54.